

A INFLUÊNCIA DA MISSÃO MILITAR FRANCESA NA ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS, DURANTE A SUA VIGÊNCIA.

Thales Rabelo Metre*
Sérgio Luiz Augusto de Andrade**

RESUMO: A presente dissertação tem o objetivo de contribuir para a compreensão da História da Missão Militar Francesa e sua importância para a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, às vésperas de comemorar o seu primeiro centenário. O desejo de modernidade ocorreu em diversos campos da sociedade brasileira e, devido à recente situação do Brasil como República independente, o Exército Brasileiro deveria passar por urgentemente por uma série de reformulações para acompanhar o desenvolvimento do país e garantir, então, a soberania e liderança no continente. Apesar das dificuldades inerentes aos processos de evolução de qualquer povo ou sistema, as reformas nos currículos das Escolas Militares ocorreram e foram aperfeiçoadas pelas ideias e sugestões dos instrutores franceses que aqui labutaram. Esta dissertação foi desenvolvida nos anos de 2016 e 2017 e utilizou-se de pesquisa bibliográfica e documental.

Palavras-chave: Missão Militar Francesa; Exército Brasileiro; Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais.

ABSTRACT: This work aims to subsidize the comprehension of operation of the French Military Mission and its importance to Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, in advance of its first centennial. Many sides of Brazilian society wished modernization and improvement, as Brazil was a recently new independent Republic. Brazilian Army should follow this evolution and so, guarantee his position as a continental leader. Although the difficulties and obvious prejudices of any transformation process, many curriculum reforms were done in military Schools and received ideas and influences from the French instructors after their arrival. This dissertation was written in 2016 and 2017 and used documental and bibliographical research.

Keywords: French Military mission; Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais; Brazilian Army.

1 INTRODUÇÃO

As Escolas Militares (EMs) do Exército Brasileiro (EB) são referência de qualidade de ensino no nosso país (GERMANO, 1992). É notório o rigor metodológico existente no processo ensino-aprendizagem nas diversas Instituições de Ensino (IEs) da Força Terrestre; quer sejam do Ensino Fundamental e Médio (Sistema Colégio Militar do Brasil), quer sejam nas Escolas de Formação de Oficiais e Praças.

Para que o nível educacional dos militares seja mantido elevado, o EB atravessou por diversas reformas pedagógicas. Segundo Filho, A., P., (2002), até o final do século XIX, o EB viveu um período de grande desordem e falta de métodos em suas Escolas Militares. As escolas ensinavam disciplinas acadêmicas gerais e muito pouco conhecimento militar era transmitido ao aluno.

* Capitão da Arma de Infantaria. Bacharel em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em 2006. Mestre em Ciências Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (AMAN) em 2017.

** Tenente-Coronel do Quadro Complementar de Oficiais. Doutor em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia da UFRJ (2013).

No início do século XX, o EB se preocupou mais com suas Escolas e com a formação de seus militares, passando a formar não somente oficiais cidadãos mas, sim, profissionais da guerra (MOTTA, 2001). Em 1919, firmou-se a contratação da Missão Militar Francesa (MMF) que teve como um dos seus principais objetivos a reforma do ensino.

Em 1919 (Término da I Guerra Mundial), foi constatado um estado de total precariedade na Força em treinamento, equipamentos, instalações e, o mais temeroso, em conhecimento técnico-profissional. O Presidente Epitácio Pessoa (1865 – 1942) concluiu ser de pujante necessidade a contratação de uma missão militar estrangeira (BELLINTANI, A. L., 2016) . Coincidência ou não, a França teria que vender seu grande excesso de material bélico.

O Ministro da Guerra João Pandiá Calógeras (1870 – 1934) ficou encarregado de estudar a melhor possibilidade para atender à demanda de uma missão militar estrangeira. França e Alemanha disputavam os mercados da América Latina para que pudessem exportar seu material bélico. A França, vencedora da I Guerra Mundial, atravessava um período de expansão de sua cultura. Através de exposições, conferências e livros fazia chegar ao mundo seus interesses e utilizava como carro-chefe de *marketing* a latinidade, alegando a forte ligação entre os povos latinos e a cultura francesa (MARTINS, 2003).

Em 1919, foi firmado um tratado de vinda de missão de instrução militar e sua renovação foi ocorrendo até 1940, quando a França deixou o país para se focar na Segunda Grande Guerra (1939 – 1945). O General Maurice Gamelin (1872 – 1958) foi o primeiro chefe de missão e desprendeu grande atenção às escolas militares (NETO, 2005).

No período compreendido entre o término da MMF e os dias de hoje, o EB seguiu se atualizando e sofrendo influências internacionais em seus aspectos doutrinários, organizacionais e de ensino. A evolução humana é constante em todos os espectros. Todos os povos, natural ou forçosamente, acabam por ter que se adaptar à velocidade da mudança dos meios e fatos. Depara-se com o seguinte problema: como a MMF realmente colaborou com a evolução do EB no momento em que aqui chegou? Ela conseguiu influenciar a doutrina do EB, bem como a forma de ensinar nas Escolas Militares Brasileiras?

Este trabalho pretende analisar as influências da MMF no Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais (CAO), da linha do ensino militar bélico da EsAO, durante a vigência da MMF. Visando a atingir o objetivo geral de estudo, formularam-se os objetivos específicos, abaixo relacionados, que permitirão o encadeamento lógico do raciocínio descritivo apresentado neste estudo:

- a. Apresentar panorama do ensino militar na transição do século XIX para o século XX;
- b. Apresentar as principais ideias dos jovens turcos;
- c. Discorrer sobre a opção pela França para gerenciar uma missão militar estrangeira de instrução;
- d. Descrever as características dos instrutores franceses;
- e. Analisar aspectos do contrato da MMF e
- f. Descrever o início do funcionamento do CAO.

Para Neves; Domingues (2007), quando um trabalho surge a partir das indagações do pesquisador sobre um determinado assunto e o objetivo geral é descrever um evento ou processo, se trabalha com questões de estudo. Não há a necessidade do processo de construção de hipóteses.

Seguindo esse conceito teórico, o presente projeto apresenta as seguintes questões de estudo

- a) Como estava o ensino militar do Exército Brasileiro à época?
- b) As experiências colhidas pelos jovens turcos influenciaram o EB? Suas ideias foram bem aceitas?
- c) Que aspectos mais influenciaram o Alto Comando do EB na escolha da França para a chefia de uma missão de instrução?
- d) A França, representada por seus instrutores aqui no Brasil, tinha o objetivo de colaborar com o desenvolvimento do EB?
- e) Como se deu a implantação e o início do funcionamento do CAO, assim que houve a criação da EsAO?

2 REVISÃO DE LITERATURA

O Exército Brasileiro viveu um momento ruidoso no início do século XX. Era precário o estado de treinamento da força, os equipamentos, as instalações e, o mais temeroso, o conhecimento técnico-profissional (MOTTA, 2001). O Ministro da Guerra, General João Nepomuceno de Medeiros Mallet, afirmou que havia a necessidade de uma reformulação da Força Terrestre que garantisse um contingente mínimo para a primeira linha de defesa. O Exército deveria também estar em condições de entrar em combate apenas com o acionamento de seus reservistas, sem a necessidade de se formar novas Organizações Militares (FILHO, A. P., 2002).

McCann (2007) atesta em sua obra que o Exército carecia de todos os tipos de recursos. Desde armas até alimentação básica. O nível intelectual dos militares de patentes mais baixa era muito baixo.

Com um cenário ababelado, a vinda de uma missão militar estrangeira foi de vital importância. Uma das principais preocupações dos franceses foi com as Escolas Militares. Eles não tinham outra forma de entender a construção de um exército forte, a não ser com a sólida formação moral do soldado. (FILHO, J. A. B., 1994).

Para Bellintani, A. I. (2009), a contratação da MMF incutiu na oficialidade brasileira a importância da formação e do profissionalismo militar. A missão fundou escolas, impôs uma nova doutrina e instruiu a formação de alunos. As escolas passaram a ser centros de excelência na formação de pessoas, especializando oficiais e graduados na técnica de combate e na utilização do armamento disponível.

2.1 O POSITIVISMO

A necessidade humana de se organizar em sociedades acarretou ao longo do tempo em mudanças atitudinais dos povos. A educação é ferramenta presente em todo o caminhar do mundo, desde os mais remotos registros históricos. A mudança de conceitos permeou os séculos e, de geração em geração, sofreu influências de notáveis pensadores de diversos campos do conhecimento.

Durante o século XVIII, Kant (1724 – 1804) desenvolveu relevantes estudos sobre as possibilidades e os limites da razão (PASCAL; VIER, 1985). No século posterior, diversos estudiosos aprofundaram as teorias kantianas e as destrincharam. Destacou-se entre elas o Positivismo (ISKANDAR; LEAL, 2002).

Auguste Comte (1798 – 1857) é o mais renomado pensador do Positivismo, no entanto, ele recebeu valiosas influências de ideias positivistas que já circulavam na sociedade europeia por outros filósofos. Lowy (1987) apresenta que segundo Antoine Nicolas de Condorcet (1743 – 1794) as sociedades precisavam ser designadas com uma matemática social, ou seja, deveria ser feito um sério trabalho, com rigor matemático e estatístico, acerca dos fenômenos sociais. Para Condorcet, as ciências eram controladas pelas classes superiores, como senhores feudais e o clero, quando deveriam ser naturalmente controladas pela própria natureza.

2.1.1 Reflexos do Positivismo no Exército Brasileiro

Apesar de uma importante base da filosofia de Auguste Comte, com relação ao Positivismo, ter sido a evolução espiritual do homem e sua consequente situação pacífica e de não necessidade de guerra, o Positivismo foi a principal influência nas Escolas Militares no fim do século XIX e início do século XX (DE OLIVEIRA SANTOS, 2007).

Castro (1995) relata que o ensino positivista era transmitido na Escola Militar na Praia Vermelha, até mesmo através de grêmios e associações, pois o currículo era voltado para as ciências exatas. Encontrava-se ainda, à época, constantes debates acerca do futuro do país versando sobre a necessidade do país ser dirigido por técnicos e não por políticos, pensamento nítido positivista (DE OLIVEIRA SANTOS, 2007).

Embora as influências comtianas no Exército tenham sido claramente fortes, havia sempre a dicotomia acerca das lições aprendidas com a História e o motivo pelo qual erros eram recorrentes. O processo cartesiano deveria poder ajudar a solucionar esses problemas, segundo Milan (1993), no entanto, é perceptível à sociedade atual brasileira que a solução ainda não ocorreu.

2.2 PANORAMA DO ENSINO MILITAR À ÉPOCA

Na transição entre o século XIX e o XX, período conhecido como Primeira República (1889-1930), o Exército era, para Mc Cann (2007), a única instituição sólida brasileira. A oficialidade desenvolvera avançado caráter político o que acarretaria no entendimento da pujante necessidade de modernização da Força Terrestre. A caserna atravessava um período de infortúnio ideológico e de total desmantelo material. Assumir o poder por assumir, por força da turbulência da troca de regime de Governo do Brasil não teria êxito sem uma base institucional sólida e esse alicerce faltava à época para o EB (COELHO, 2000). Era necessária uma liderança militar.

Deodoro da Fonseca (1827 – 1892) e Benjamin Constant (1833 – 1891) são os militares que asseguraram a consolidação da República no Brasil. Com características muito opostas, o primeiro era eminente prático de guerra e o segundo, um típico bacharel-militar, com pensamento politizado aflorado e capaz de convencer massas humanas (MORAIS, 2014).

2.2.1 O Regulamento de 1905

O Presidente da República, Francisco de Paula Rodrigues Alves (1848 – 1919), e o Ministro da Guerra, Francisco de Paula Argollo (1847 – 1930), assinaram o Decreto nº 5.698, de 02 de outubro de 1905 intitulado “Regulamento para as Escolas do Exército”. Essa publicação deu origem a significativas mudanças no sistema de ensino do EB. A instrução militar destinar-se-ia apenas aos oficiais e praças e não mais aos colégios de educação básica. O quadro 1 apresenta um comparativo entre os EE previstos pelo Regulamento de 1905.

Regulamento de 1898	Regulamento de 1905
Colégio Militar	Escolas Regimentais
Escolas Regimentais	Escolas de Guerra
Escolas Preparatórias e de Tática	Escola de Aplicação de Infantaria
Escola Militar do Brasil	Escola de Artilharia e Engenharia
	Escola de Estado-Maior

Quadro 1 - Instituições de Ensino Militar (1898 - 1905)

Fonte: (BRASIL, 1905)

Percebe-se, pela análise do quadro 1 o aumento quantitativo de EE e a ausência de colégios militares. Permaneceram vigentes as Escolas Regimentais subordinadas ao comando dos distritos (GRUNENVALDT, 2005).

A intenção de se formar oficiais com vasta gama de conhecimento civil permaneceu forte no Regulamento de 1905. Teve-se destacado incremento da Escola de Artilharia e Engenharia e na de Estado-Maior, criada em 1905. O General Mallet, Ministro da Guerra no governo de Campos Sales (1841 – 1913), de 1898 a 1902, aspirava adequar o Ensino Militar ao avanço das Artes e das Ciências. Alguns avanços industriais, como na parte bélica, acarretaram diretamente mudanças estratégicas e, fatalmente, influenciaram no nível tático do campo de batalha (GRUNENVALDT, 2005).

2.3 OS JOVENS TURCOS

Quando o Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca (1855 – 1923) assumiu o Ministério da Guerra, foi convidado pelo *Kaiser* Guilherme II, em 1908, a visitar instalações do Exército Alemão e presenciar manobras militares de grande vulto em Tempelhoff. Essa aproximação facilitou o envio de oficiais brasileiros ao país europeu, para aprendizado.

Graças ao empenho e solicitação de recursos feita pelo Ministro da Guerra, General Francisco de Paula Argolo (entre 1902 e 1906), em 1906, 1908 e 1910, o EB enviou à Alemanha três grupos de oficiais, totalizando 21 militares. Essa cooperação teve como objetivo aprender com o Exército mais seguidor da tradição militar prussiana e colaborar com reformas de ensino militar, quando retornassem ao Brasil (DE ARAUJO, 2009). Essa alcunha “jovens turcos” é análoga a um grupo de otomanos que estagiara no Exército Alemão com o intuito de modernizar o Exército Turco. Apesar do tom pejorativo inicial do apelido, “Os Jovens Turcos” usariam a seu favor e o nome tornou-se um dos símbolos de sua causa.

Os brasileiros foram instruídos por dois anos em solo germânico e, segundo Filho, A. P. (2002), declararam que os aquartelamentos alemães eram escolas de guerra e de disciplina verdadeiramente.

A principal contribuição desse grupo foi a criação da revista *A Defesa Nacional* (ADN), em 1913, com o objetivo de difundir os conhecimentos adquiridos na Alemanha. Outra documentação interessante trazida por eles foi o Boletim do Estado-Maior do Exército, de acesso privado, enquanto a ADN era de acesso público (RODRIGUES, F. D. S., 2011). A Defesa Nacional era uma revista de assuntos militares fundada em 1913, pelos seguintes militares: Jorge Pinheiro, Estevão Leitão de Carvalho, Joaquim de Souza Reis, Amaro de Azambuja Villa Nova, Bertholdo Klinger, Epaminondas de Lima e Silva, César Augusto Parga Rodrigues, Euclides Figueiredo, José Pompêo Cavalcanti de Albuquerque, Mário Clementino de Carvalho, Bráilio Taborda, e, Francisco de Paula Cidade (figura 1). De todos os militares que participaram do embrião da revista, somente quatro não haviam passado período de instrução no Exército Alemão, mas, eram também, adeptos da nova campanha de renovação do Exército. Os redatores iniciais da revista foram os Tenentes Bertholdo Klinger, Estevão Leitão de Carvalho e Joaquim de Souza Reis (RODRIGUES, F. D. S., 2011).



Figura 1 - Jovens Turcos

Fonte: Bem Paraná. Disponível em: <<http://www.bemparana.com.br/tupan/wp-content/uploads/2014/12/Contestado-3.jpg>> Acesso em: 14 mar 2017.

2.4 JOÃO PANDIÁ CALÓGERAS (1870 – 1934)

Destacou-se no contexto histórico militar brasileiro, ao tornar-se o único civil a ocupar o cargo de Ministro da Guerra no período republicano, durante o período de 1919-1922, governo do Presidente Epitácio Pessoa. Seus estudos em engenharia foram focados na mineralogia e, na parte política, exerceu diversos cargos. Escreveu a lei que garantia a divisão da propriedade das minas, em solo e subsolo, assegurando a sua desapropriação e o aproveitamento de sua lavra. Futuramente, a lei foi batizada de *Lei Calógeras*. O contrato da MMF foi celebrado durante sua permanência no Ministério da Guerra. (UFCG, 2014)

O Ministro Calógeras foi sempre alvo de elogios na Câmara dos Deputados. Como síntese de sua postura e seus feitos, destaca-se trecho de um discurso do Deputado Nabuco de Gouvêa (1872 – 1940):

“Sr. Presidente, dentro de dois dias vai deixar o Sr. Calógeras, o exercício da Pasta da Guerra (...). Julgo-me obrigado a fazer algumas considerações sobre o período governamental do grande ministro, no momento em que S. Ex^a deixa definitivamente seu gabinete de trabalho, fonte de onde emanaram as mais fecundas realizações de progresso que conheceu até hoje a administração militar brasileira.

As condições de deficiência que apresentavam as organizações e os serviços de nosso Exército, já exigiam, antes da grande guerra europeia, as mais radicais reformas, em face do que se observa, não só nos exércitos europeus, como nos próprios sul-americanos!

Com o ensinamento e a experiência que a guerra europeia nos proporcionou, transformações muito mais radicais e complexas impunham, tanto quanto à instrução de nossa tropa, como com relação ao material e pessoal afetos às diferentes formações e unidades do Exército Nacional. (FILHO, J. A. B., 1994, p. 113).”

Fundou a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO), por meio do Decreto apresentado no Anexo 2.



Figura 2 - Ministro Calógeras
Fonte: (BRASILEIRO, 2016)

2.5 ALBERTO CARDOSO DE AGUIAR (1864 – 1935)

Foi um destacado militar desde sua formação. Ao graduar-se Alferes, na Escola Militar da Praia Vermelha, em 19 de janeiro de 1889, formou-se em Engenharia e Matemática e Ciências Físicas e Naturais. Com atuação constante na política nacional, chegou ao cargo de Ministro da Guerra, em 1919.

Sua assunção no Ministério da Guerra contribuiu para a organização da Artilharia de Campanha, bem como a preparação anterior e desencadeamento operacional da Aviação Militar Brasileira, quando subordinou o Serviço de Aviação Militar ao Estado-Maior do Exército.

A ideia de convidar uma missão francesa foi articulada pelo próprio General Cardoso de Aguiar, quando à frente da pasta ministerial, com oficiais brasileiros que estavam em Paris para as negociações do Tratado de Versalhes (29 de junho de 1919).

O General Cardoso de Aguiar, em seu Relatório do Ministério da Guerra, destaca a necessidade de o Exército adaptar-se às inovações tecnológicas militares e, para isso, deveria sofrer adaptações no seu ensino. Ressaltou que deveriam ser colhidos ensinamentos da cruel guerra de quatro anos, recentemente terminada^a

^a Ministério da Guerra, Relatório do Ministro Alberto Cardoso de Aguiar. 03/05/1919.



Figura 3 - Gen Cardoso de Aguiar
Fonte: (TJPB, 2016)

2.6 A MISSÃO MILITAR FRANCESA

A Missão Militar Francesa marcou a história do Exército Brasileiro tanto pelos ensinamentos e adaptações geradas à Força quanto pelo período em que ela ocorreu. Para Neto (2005), todas as etapas da missão, desde as sondagens iniciais, a contratação, as composições de militares, a forma de atuação, entre outros aspectos são importantíssimos ao EB e à Força Aérea Brasileira.

No final do século XIX, a influência positivista estava exacerbando o pacifismo brasileiro, até mesmo fazendo alguns militares terem aversão à atividade militar. Foi uma época dura, causticante. Revolução Federalista, Canudos, Contestado e outras lutas que o EB tomou parte apesar do moral diminuído e falta de organização da Força como um todo. Desde essa época, o espírito combativo do brasileiro ficou evidenciado. Neto (2005) destaca que a vinda de uma missão militar estrangeira era imprescindível, uma vez que a qualidade humana era de grande potencial e grande caráter, mas faltava “todo” o restante, desde o nível estratégico do Força até as necessidades corriqueiras da caserna, como um simples uniforme ou equipamento individual.

2.6.1 A escolha da França em detrimento da Alemanha

No final da década de 10, do século XX, já estava bem aceito na esfera política do Alto Comando do Exército que haveria a contratação de uma missão militar estrangeira. Não haveria outro modo de reestruturar o Exército Brasileiro (FILHO, A. P., 2005). Segundo Rodrigues, F. (2010), os ex-estagiários do Exército Alemão, no ano de 1917, estavam ocupando o posto de Coronel e iniciaram tratativas internas para decidirem qual seria a missão que deveria vir. Obviamente, eles pendenciavam para a Alemanha, devido aos fortes laços por lá estabelecidos quando de seus estágios, antes da Primeira Guerra.

A missão que viesse deveria apresentar soluções para problemas de instrução e ensino. Havia uma corrente de militares adversos à contratação de estrangeiros, sob a bandeira da possível perda de brio e patriotismo do EB, entretanto, segundo o Relatório de Trabalhos do Estado-Maior do Exército de 1917, havia sido grande o sucesso desse tipo de missão em países vizinhos, como Argentina, Chile e Peru. Essas missões atuaram até mesmo nos Altos Estudos Militares (RODRIGUES, F., 2010)

A consagração francesa ao final do término da Primeira Guerra Mundial colaborou fortemente para a decisão de ser a França que influenciaria o Brasil nos

próximos anos. Entendeu-se que seu modelo doutrinário estava consolidado nos campos de batalha (DE ARAUJO, 2009).

2.6.2 A Criação da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais

A EsAO ministrava curso para oficiais superiores, muitos anos depois de o oficial ter concluído a sua formação inicial. A MMF, prontamente, identificou esse hiato e reformulou o currículo da Escola para que passasse a oferecer curso para tenentes e capitães das armas. Inicialmente, a Escola teve sede no extinto 1º Regimento de Artilharia Montada hoje o 15º Regimento de Cavalaria Mecanizado, na Vila Militar do Rio de Janeiro. Quatro anos mais tarde, a EsAO foi transferida para onde está até o momento atual (BELLINTANI, A. I., 2009).

Por esse ato, pretendiam superar o velho modelo de um ensino muito mais teórico em detrimento da prática, tão elementar ao adestramento de uma Força Armada (MOTTA, 2001). A concepção de objetivo inicial do curso foi: complementar a instrução técnica visando a proporcionar a base para os oficiais comandarem subunidades (companhia, esquadrão ou bateria) e preparar para ascenderem até o cargo de comandantes de unidade.

De acordo com Bianco (2010), o ensino passou a primar pela resolução de temas táticos, afastando de vez a ideia do oficial apegado ao livro, único e exclusivamente. Para o autor, esse ensino ainda nos dias de hoje, norteia o ensino militar. Em 1920, na aula inaugural do funcionamento sob a égide a MMF, a Escola contou com participação de trinta e seis alunos de infantaria, vinte e oito de artilharia, vinte de cavalaria e sete da arma de engenharia. Uma valorosa comprovação do incremento do ensino prático é a cópia de um Boletim Interno da EsAO, datado de 17 de novembro de 1920, onde se registrou o término de uma Manobra de Quadros. No documento apresentado, na figura 16, não faltam elogios à MMF e ao seu primeiro Chefe, o Gen Gamelin.

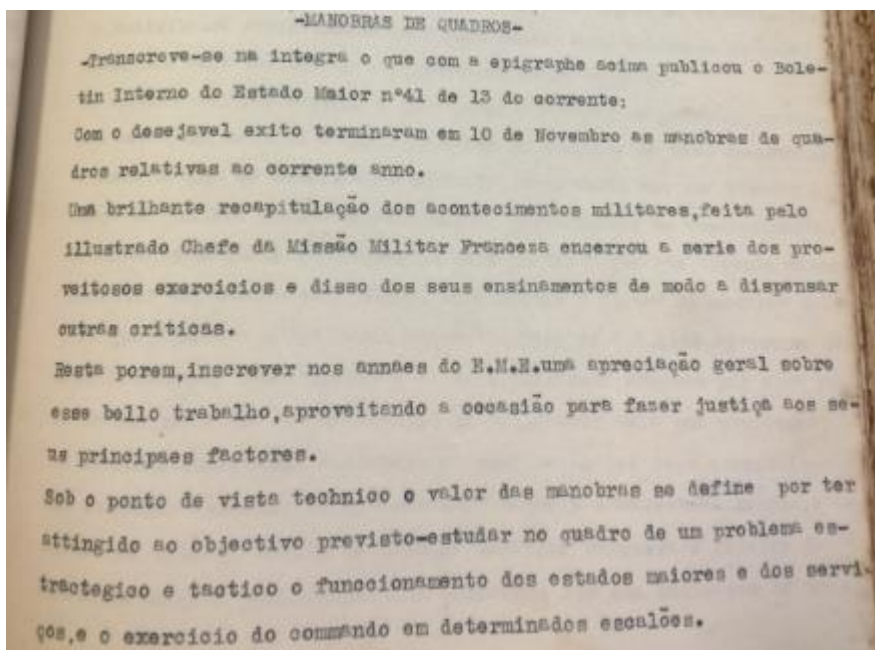


Figura 4 - Bol Interno de 17 de nov de 1920. Relato de Manobra de Quadros
Fonte: Boletins Internos do Acervo Histórico da EsAO

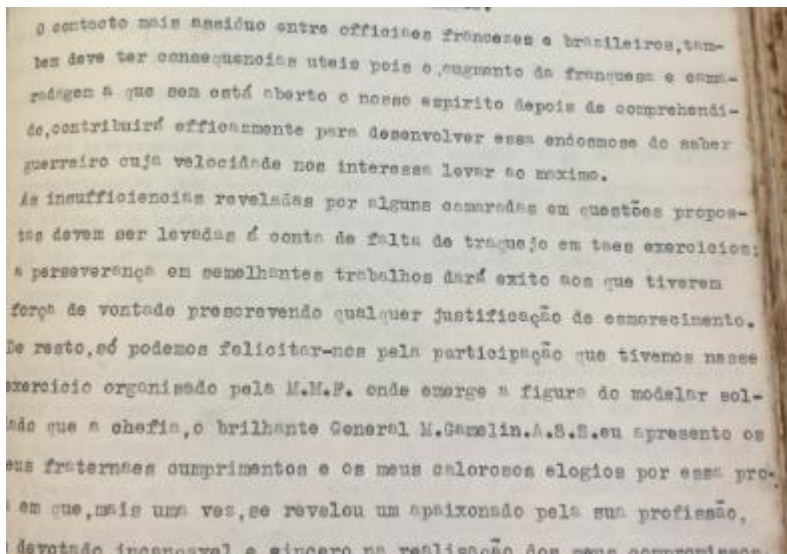


Figura 5 - Bol Interno de 17 de nov de 1920. Elogios ao Gen Gamelin
Fonte: Boletins Internos do Acervo Histórico da EsAO

Em 1928, os instrutores franceses consideram que a Escola apresentou melhora significativa, mas ainda muito abaixo do esperado. O mau desempenho é resultado de diversos fatores como os oficiais não atingirem 50% de aproveitamento, faltarem aulas e serem pouco perseverantes, segundo Bellintani, A., I. (2009). Para dirimir essa situação, o curso sofre a seguinte alteração: após dois meses e meio de curso, os oficiais alunos eram submetidos a duas provas, uma de técnica de armas e outra de topografia; a não obtenção de média superior à metade e mais de 40% de acerto em ambas as provas, acarretaria o retorno do oficial à sua antiga unidade de origem.

3 METODOLOGIA

Esta seção apresentará detalhadamente a metodologia que foi desenvolvida para solucionar o problema de pesquisa. O trabalho é uma pesquisa histórica, calcada em pesquisa bibliográfica e documental (FORTE, 2004; MINAYO, 2011).

A presente metodologia está dividida em: objeto formal de estudo e delineamento da pesquisa.

3.1 OBJETO FORMAL DE ESTUDO

Este trabalho foi uma pesquisa documental e bibliográfica e buscou solucionar o problema anteriormente apresentado.

Dividiu-se em duas partes este trabalho, pesquisa documental e bibliográfica. Teve-se como fonte, biblioteca da EsAO, Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME) e Colégio Militar de Belo Horizonte. Base de dados Google Scholar e livros.

3.2 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Quanto à natureza, foi uma pesquisa básica (ou pura), como define Rodrigues (2006): “objetiva a produção de novos conhecimentos, úteis para o avanço da ciência, sem uma aplicação prática prevista inicialmente. Envolve verdades e interesses universais”.

No aspecto referente à abordagem do problema, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa, que estabelece uma relação entre o mundo objetivo e a

subjetividade do sujeito. Não utilizou métodos estatísticos e garantiu flexibilidade ao pesquisador. A análise dos dados foi feita indutivamente (RODRIGUES, M. D. G. V., 2006). Yin (2016) atesta que a pesquisa qualitativa preza por múltiplas fontes de evidência e o pesquisador deverá compará-las.

Com relação aos objetivos gerais, esta dissertação conduziu uma pesquisa exploratória, pois se desenvolveu e esclareceu algumas ideias sobre um assunto. A pesquisa exploratória pode ser feita pela primeira vez sobre um assunto e servir de base para estudos seguintes (RODRIGUES, M. D. G. V., 2006). Gil (1999) ainda reforça a classificação dessa pesquisa como exploratória com a seguinte afirmação: “Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis”.

Os procedimentos técnicos utilizados foram a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental, ambas indispensáveis quando um tema histórico é estudado, segundo afirma Rodrigues (2006).

Para que se alcance o objetivo, os dados foram analisados qualitativamente, conforme será descrito em subitem específico mais adiante neste projeto de pesquisa.

3.2.1 Procedimentos para revisão da literatura

Conforme apresentado no delineamento de pesquisa, este estudo é uma pesquisa exploratória qualitativa, realizada a partir de pesquisa bibliográfica e documental.

Para Gil (1999), a pesquisa bibliográfica tem a vantagem de permitir ao pesquisador explorar uma gama de episódios maior do que em uma pesquisa direta. É imprescindível em estudos históricos pela impossibilidade de se voltar ao passado a não ser pelo estudo da bibliografia.

Uma desvantagem da pesquisa bibliográfica é a chance de se cometer erros quando se atém às fontes secundárias, seja por distorção intencional ou não de seus autores acerca de fatos históricos (TRIVIÑOS, 1987). Para que se mitigue possíveis erros, ou até mesmo que se evite que eles sejam ainda ampliados, o investigador deverá confrontar as informações em diversas fontes.

A pesquisa documental se assemelha à bibliográfica. A principal diferença é o tipo de fontes estudadas. Os documentos não possuem nenhum tratamento analítico e caberá ao pesquisador fazê-lo. Este estudo priorizará as fontes primárias (contratos, documentos oficiais, reportagens de jornal, boletins internos de Unidades Militares documentos de ensino) e secundárias (relatórios de ensino).

Para a busca de literatura, utilizou-se até o as seguintes fontes:

- a) Fontes de busca
 - Artigos científicos das bases de dados da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), da EsAO e de Instituições de Ensino Superior (IES);
 - Artigos científicos da base de dados *Google Scholar*.
 - Biblioteca da EsAO
 - Biblioteca do Colégio Militar de Belo Horizonte (CMBH);
 - Livros acerca da temática envolvida;
 - Monografias do Sistema de Monografias e Teses do Exército Brasileiro;
 - Boletins internos da EsAO;
 -
- b) Estratégia de busca para as bases de dados eletrônicas
Utilizou-se os seguintes descritores: “Missão Militar Francesa”, “Escola de Aperfeiçoamento”, “Ensino Militar”, “Educação Militar”, “Escolas Militares”,

“Missão Francesa”, “*école militaire*”, *education militaire*”, “*mission militaire française*”.

3.2.2 Instrumentos

Os instrumentos utilizados foram a pesquisa bibliográfica e documental.

Como a pesquisa foi uma pesquisa bibliográfica, ela se valerá prioritariamente de fontes primárias e secundárias.

3.3.3 Procedimentos metodológicos

Para que o projeto pudesse ser iniciado, o pesquisador iniciou uma ampla busca de literatura acerca do assunto. As fontes de obtenção de dados foram apresentadas no subitem “4.3.1 Procedimentos para revisão da literatura”.

A revisão bibliográfica deve ser organizada e metódica (GIL, 2010). O presente trabalho seguiu o seguinte protocolo:

- a) levantamento bibliográfico preliminar;
- b) elaboração do plano provisório de assunto;
- c) busca das fontes;
- d) leitura do material;
- e) fichamento;
- f) organização lógica do assunto

A seguir, apresenta-se os critérios de inclusão e exclusão das fontes bibliográficas:

- a) Critérios de inclusão
 - Estudos publicados em português, inglês ou francês;
 - Estudos publicados de 1920 a 2016;
 - Documentos acerca das tratativas e contratação da MMF;
 - Estudos qualitativos que descrevam a MMF;
 - Documentos de ensino da EsAO.
- b) Critérios de exclusão
 - Estudos que abordem apenas a doutrina francesa trazida pela MMF, não abordando assuntos sobre a temática do ensino militar.

3.3.4 Análise dos dados

Como o presente trabalho de mestrado profissional apresenta uma pesquisa bibliográfica, não foram utilizados métodos estatísticos de análise de dados (MINAYO, 2011). Utilizou-se comparações entre os autores, bem como a análise subjetiva da bibliografia e documentos primários obtidos.

A dissertação de mestrado foi produzida a partir do estudo comparativo da bibliografia estudada, para que se atingisse o objetivo proposto.

A apresentação dos resultados foi mediante texto descritivo e teve como objetivo principal analisar os reflexos da MMF no CAO, da linha do ensino militar bélico da EsAO, durante a vigência da MMF.

4 CONCLUSÃO

A presente dissertação teve o objetivo de analisar as influências da MMF no Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais (CAO), da linha do ensino militar bélico da EsAO, durante a vigência da MMF.

Para atender a finalidade a que se propôs, essa dissertação aprofundou-se em fontes primárias variadas, em teses e dissertações, em livros e em artigos

científicos publicados em periódicos de bom nível acadêmico. Buscou-se um espaço temporal da vigência da MMF e, para tal, obviamente, se estudou o panorama anterior no qual o Brasil estava inserido. Com base nas conclusões obtidas percebe-se que a metodologia empregada foi adequada e eficaz e desenvolveu-se como será apresentado a seguir.

É vasta a literatura que atesta a total precariedade que o Exército enfrentava no final do Século XIX. Equipamento obsoleto, falta de coesão à tropa, carência de metodologia de instrução militar, grandes claros de pessoal nas Organizações Militares e, até mesmo, baixo nível intelectual da jovem oficialidade.

Em consonância às reformulações do ensino, por meio de novos regulamentos, a necessidade da contratação de uma Missão Militar estrangeira era consensual para o Alto Comando do Exército. Restava, entretanto, a difícil missão de se decidir que potência militar deveria ser contratada. Coube ao Ministro Pandiá Calógeras, após intensas “batalhas” políticas, a contratação da Missão Militar Francesa.

Como toda mudança de direção gera reação, a chegada dos franceses não foi diferente. Quer tenha sido pela resistência inicial natural de qualquer processo de inovação, quer tenha sido pela resistência dos desejosos de que o Brasil tivesse tido uma Missão Militar Alemã, os instrutores franceses que primeiro chegaram tiveram dificuldades para impor o seu trabalho.

Chefiados pelo Gen Gamelin, apenas após oito anos de sua chegada, pode ser notado alguns efeitos do trabalho da MMF. Na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, os cursos das armas tomaram forma e foram adaptando-se a um sistema cartesiano de instrução. O que, fatalmente, acarretou mudanças significativas na instrução militar e na disciplina dos corpos de tropa.

A MMF não se limitou ao ensino nas Escolas Militares, mas também incentivou melhoria de processos junto à administração militar e ao desenvolvimento de indústria bélica nacional.

O contato com as fontes francesas primárias engrandeceu e validaram muitos aspectos da pesquisa.

REFERÊNCIAS

BELLINTANI, Adriana Iop. **O Exército brasileiro e a missão militar francesa : instrução, doutrina, organização, modernidade e profissionalismo (1920-1940)**. 700 f. Tese de Doutorado em História - Instituto de Ciências Humanas Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

BELLINTANI, Adriana Iop. Relações França-Brasil: o legado da Missão Militar Francesa (1920-1940) para o Exército Brasileiro. **Meridiano 47 - Journal of Global Studies**, Brasília, v. 17, Mar. 2016.

BIANCO, Pedro Henrique. A missão militar francesa e a EsAO. **Revista Sangue Novo**, 2010.

Decreto nº 5.698, de 02 de outubro de 1905 (1905). Disponível em: <<http://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br:federal:decreto:1905-10-02;5698>>. Acesso em: 08 mar. 2017.

BRASILEIRO, Exército. Galeria dos Ex-Ministros. Brasília, 2016. Disponível em: < http://www.eb.mil.br/en/comandante-do-exercito/galeria-dos-ministros-e-comandantes-do-exercito/-/asset_publisher/FJObzMfZdgEQ/content/galeria-dos-ex-ministros >. Acesso em: 03 dez. 2016.

CASTRO, Celso. **Os militares e a República**. Zahar, 1995. p.

COELHO, Edmundo Campos. **Em busca de identidade: o Exército e a política na sociedade brasileira**. Editora Record, 2000. p.

DE ARAUJO, Rodrigo Nabuco. A influência francesa dentro do Exército brasileiro (1930–1964): declínio ou permanência? **Esboços-Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC**, v. 15, n. 20, p. 245-273, 2009.

DE OLIVEIRA SANTOS, Miriam. Um olhar sobre as instituições escolares militares brasileiras do fim do século 19 ao início do século 20. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 88, n. 219, 2007.

FILHO, Ary Pelegrino. **A Influência da Missão Militar Francesa na ECEME**. 143 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Militares) - Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2002.

_____. A Influência da Missão Militar Francesa na ECEME. **PADECEME**, v. Edição Especial, n. Rio de Janeiro, p. p 10- 20, 2º Quadrim. 2005.

FILHO, Jayme Araújo Bastos. **A Missão Militar Francesa no Brasil**. Rio de Janeiro: BIBLIX, 1994. 29 p.

FORTE, Sérgio Henrique Arruda. **Manual de elaboração de tese, dissertação e monografia**. Fortaleza: Universidade de Fortaleza,, 2004. 256 p.

GERMANO, José Willington. **Estado militar e educação no Brasil (1964-1985)**. 3. ed. Rio de Janeiro: Cortez Editora, 1992. 168 p.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999. 206 p.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. p.

GRUNENVALDT, José Tarcísio. A educação militar nos marcos da Primeira República: estudo dos regulamentos do ensino militar (1890-1929). 2005.

ISKANDAR, Jamil Ibrahim; LEAL, Maria Rute. Sobre positivismo e educação. **Revista Diálogo Educacional, Curitiba**, v. 3, n. 7, p. 89-94, 2002.

LÖWY, Michael. As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen. **São Paulo: Busca Vida**, 1987.

MARTINS, Alcimar Marques de Araujo. **A INFLUÊNCIA DA MISSÃO MILITAR FRANCESA NA EVOLUÇÃO DO ENSINO NA ECEME E SEUS REFLEXOS NOS DIAS ATUAIS**. 125 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Militares) - Escola de Comando e Estado-Maior do Exército ECEME, Rio de Janeiro, 2003.

MC CANN, Frank. **Soldados da pátria: história do Exército Brasileiro 1889-1937**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 270 p.

MILAN, Yara Maria Martins Nicolau. **A educação do "soldado-cidadão"(1870-1889): a outra face da modernização conservadora**. 389 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. 25. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011. 114 p.

MORAIS, Ronaldo Queiroz. O Estrondo da Modernidade no Exército: As Reformas Curriculares e as Revoltas Militares na Primeira República. **Revista Contexto & Educação**, v. 28, n. 91, p. 149-176, 2014.

MOTTA, Jehovah. **Formação do oficial do exército**. 5. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001. 283 p.

NETO, Jose Correia. Missão Militar Francesa. **Da Cultura**, v. 8, 2005.

NEVES, Eduardo Borba; DOMINGUES, Clayton Amaral. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. 1. ed. Rio de Janeiro: Centro de Estudos de Pessoal, 2007. 204 p.

PASCAL, Georges; VIER, Raimundo. **O pensamento de Kant**. Vozes, 1985. p.

RODRIGUES, Fernando. **Indesejáveis: Instituição, pensamento político e formação profissional dos oficiais do exército brasileiro (1905-1946): História**. Paco Editorial, 2010. p.

RODRIGUES, Fernando da Silva. A Formação Profissional do Oficial do Exército Brasileiro na Primeira Metade do Século XX: a Influência dos Jovens Turcos, da Missão Indígena e da Missão Militar Francesa. **R. Mest. Hist**, Vassouras, v. 13, n. 1, p. 31-52, jan/jun 2011 2011.

RODRIGUES, Maria das Graças Villela. **METODOLOGIA DA PESQUISA CIENTÍFICA ELABORAÇÃO DE PROJETOS, TRABALHOS ACADÊMICOS E DISSERTAÇÕES EM CIÊNCIAS MILITARES**. 3.ed. Rio de Janeiro: EsAO, 2006. 130 p.

TJPB. TJPB vai homenagear o ex-presidente Epitácio Pessoa. João Pessoa, 2016. Disponível em: < <http://www.parlamentopb.com.br/Noticias/?tribunal-de-justica-da-paraiba-vai-homenagear-o-ex-presidente-epitacio-pessoa-20.02.2015> >. Acesso em: 14 dez. 2016.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação : o positivismo, a fenomenologia, o Marxismo**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1987. 175 p.

UFCG. Biografia de João Pandiá Calógeras. Campina Grande, 2014. Disponível em:
< <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/JoaPCalo.html> >. Acesso em: 13 dez.2016.

YIN, R.K. **Pesquisa Qualitativa do Início ao Fim**. 1. ed. Porto Alegre: Penso, 2016.
p.